

A Contribuição da Micro-história para o campo da Comunicação: uma abordagem historiográfica a partir da trajetória de homens comuns¹

Andréa Cristiana SANTOS²
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: Este artigo discute aspectos do projeto historiográfico da micro-história que podem auxiliar os estudos de História da Comunicação e a interpretação de fenômenos como os circuitos de comunicação a partir da variação da escala. Propõe-se adotar procedimentos derivados da análise da micro-história a partir da dimensão dos rastros, dos indícios e dos fragmentos no processo de análise e construção de uma história dos sistemas comunicativos. Para tanto, analisa-se a trajetória do tipógrafo José Diamantino de Assis, que produziu jornais no período de 1932 a 1969 na cidade de Juazeiro-BA. A intenção é demonstrar que a ação do indivíduo está inserida em tramas comunicativas que nos revelam aspectos da circularidade dos impressos e dos processos de interação entre uma imprensa local e dos grandes centros, refletindo relações de tensão e acomodação.

Palavras-chave: História da comunicação; micro-história; jornalismo; memória.

Na pesquisa com documentos históricos, o arquivo pode surpreender o pesquisador, oferecendo material disponível à interpretação e retirando o véu do esquecimento sobre a ação de alguns homens. Há quatro anos, descobri pequenos jornais no formato de uma folha de ofício envoltos em papel madeira, no acervo da Fundação Museu Regional do São Francisco, na cidade de Juazeiro, sertão baiano. A princípio, esses jornais foram utilizados para compor um acervo da pesquisa sobre profissionais do polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE, com a finalidade de realizar um mapeamento com a identificação dos comunicadores.

A riqueza do material, contudo, pedia uma análise mais cuidadosa. Os jornais se destacavam pela diversidade de tipologias textuais e de mensagens que retratavam práticas sociais e culturais. O conjunto dos impressos permitia desvelar um destino particular: a trajetória do tipógrafo José Diamantino de Assis, que produziu os periódicos *O Astro*; *O Banjo*, *A Marreta*, *O Itiubense*, *O Sertão*, *O Esporte*, *A Jacuba* e *a Tribuna do Povo*, no período de 1932 a 1969.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professora do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro-BA. Bolsista PAC-UNEB, email: andcsantos@uneb.br

Esses jornais estavam dispostos em uma gaveta do acervo e não existem registros bibliográficos sobre essa produção. Cheguei a esse arquivo a partir de uma conversa com Joston Assis, um dos filhos de José Diamantino, que me contou que o pai fora tipógrafo. Na cidade, existem poucas referências sobre o tipógrafo e, para encontrar os rastros de sua existência, é preciso buscar compreender os produtos jornalísticos e sua materialidade.

Na edição de *O Esporte*, de 1969, encontramos um texto no qual o redator contava as dificuldades para produzir o impresso. Alguns leitores consideravam o custo do exemplar caro, comparado a um jornal de circulação estadual, como *A Tarde*³. Ele denunciava as intempéries decorrentes da dedicação ao ofício: “vocês, que não entendem patavina de artes gráficas, não imaginam o trabalho que dá para se fazer um jornalzinho deste, composto sempre de noite, tirando-me o lazer semanal de um cinema ou um bate papo na Rua da Apolo. Mas acham-no caro”.

Ciente da função social do jornal, José Diamantino de Assis defendia que o periódico pode permitir a discussão de assuntos de interesse público: “só se ouvem lamentos como estes: não temos um jornal, isto é uma miséria! Tanta coisa errada, falta um jornal, cadê um jornal para combatê-las. Tenho uma ideia, lanço um jornal semanal esportivo somente para coisas mais sérias no futuro”. O leitor parecia não se sensibilizar com o empenho do tipógrafo. De 500 exemplares impressos, foram vendidos 95. Mas o comunicador persistia na tarefa de imprimir o periódico. “Teremos hoje 150. Esperarei o resultado para por a pedra de cal em cima dessa coisa porque tanto clamavam e agora que tem, embora modesta, abomina-a, despreza-a, ultrajam-na (...)”.

Nesse fragmento, podemos perceber questões importantes para investigar a trajetória de homens comuns que se constituíram como comunicadores. Quem foram esses personagens? Quais processos comunicacionais ocorreram e quais significados assumiram para os produtores e leitores? Será que o jornal despertava o interesse do leitor para discussão de assuntos públicos? A trajetória de um indivíduo pode nos fazer entender os processos de tensão e acomodação entre uma imprensa local e a de grandes centros do país?

A resposta a estas questões é como desfiar o novelo de Ariadne, tal como no mito grego, desvelando tessituras, rastros da existência humana, fragmentos do passado. Neste artigo, discuto como a análise micro-histórica pode nos ajudar a construir um percurso metodológico que nos possibilite construir uma história dos sistemas comunicativos, a partir da trajetória individual. Pretendemos investigar quais processos comunicativos foram

³ *A Tarde* era vendido por NCr\$ 0,25 (Cruzeiro Novo), enquanto o *Esporte*, NCr\$ 0,20.

engendrados e quais interações ocorreram entre os diversos leitores e produtores. Partimos da hipótese de que a redução da escala, princípio da micro-história, pode nos revelar aspectos macros relacionados aos processos comunicativos e as interações entre indivíduos e sociedade.

1 A contribuição da micro-história aos estudos de história da comunicação

Nos últimos anos, cresceu o interesse por estudos que analisem as inter-relações entre Comunicação e História. Para Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro (2009), é necessário romper com impasses teóricos presentes em alguns estudos, como a inexistência de uma dimensão comparada dos próprios meios. Alguns estudos se dedicaram às abordagens locais, regionais ou situadas nos grandes centros, principalmente região Sudeste, sem se estabelecer inter-relação entre eles.

Esse tem sido um traço comum nos estudos da imprensa brasileira e a de outros países latino-americanos. A pesquisadora Célia Del Palácio Montiel (1997) avalia que, nos estudos sobre a imprensa mexicana, houve uma centralização da análise de periódicos de regiões centrais, como a Cidade do México, em detrimento aos periódicos de circulação regional. Esses estudos, geralmente, de natureza monográfica realizados por memorialistas e historiadores locais. A autora defende uma abordagem comparativa que permita encontrar o que existe de específico, único em um fenômeno em uma região, assim como regularidades e padrões semelhantes existentes entre os periódicos.

Assim, pode-se chegar a conclusões mais precisas sobre a história da imprensa, sem que os estudos se configurem uma homogeneização da atuação da imprensa em todo o território. A comparação também pode evitar o risco de uma análise estritamente local. Ao se comparar uma região com outra, podem ser exploradas relações complexas e interativas entre o centro e a periferia, que muitos estudos ainda têm dificuldades de realizar (PALACIOS, 1997, p.86).

Alguns estudos sobre a imprensa brasileira trazem uma abordagem com personagens da história considerados grandes atores sociais. Para Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart (2009), os estudos com a ênfase na ação individual deixam de abordar as dinâmicas sociais, os processos institucionais e macros. Existem ainda os estudos de caráter descritivo, sem o desenvolvimento de uma teoria histórica que permita pensar a imaginação histórica ou sociológica, contemplando perspectivas de micro e macroestruturas.

Para as autoras, é necessário que os estudos estejam fundamentados em uma teoria da história que possa refletir sobre temporalidade, espaços sociais, processos e sistemas, relações sociais, modos de narrar e interpretar, relacionando texto ao contexto. Uma história da comunicação que permita correlacionar e analisar a dinâmica da vida social como um todo. Produzir uma história dos sistemas comunicativos, requer contemplar todo um circuito de comunicação, no qual estão inseridos produtores de textos, produtores gráficos, editores e leitores; as materialidades e os suportes que permitiram, em um dado momento, a profusão de formas impressas, visuais, sonoras (BARBOSA, 2010).

Robert Darnton (2010, p. 125) esclarece que a noção de circuito de comunicação é essencial para analisar as inter-relações entre autor, editor, produtor, impressor, distribuidor e leitor, pois todos eles estão intercambiando experiências e práticas que influenciam na questão do gênero, do estilo, nas relações deste sistema com outros de natureza política, econômica, social.

Para Marialva Barbosa (2010), construir uma história dos sistemas de comunicação significa reconstruir o sentido da obra; relacionar o que se produz como práticas; verificar a materialidade do objeto; os modos de reapropriação do público; as trocas de mensagens entre produtor, leitor e as relações narrativas. A autora também vai se referir a importância dos processos de reconstrução, por meio do ato interpretativo, das múltiplas mediações e de suas materializações.

A ênfase em práticas humanas e na noção de circuitos de comunicação entre produtores e leitores permite, assim, ampliar os estudos que trazem tão-somente uma abordagem centrada na ação individual, porém incorporando dinâmicas sociais, os processos institucionais e macrossociais. Nesse sentido, não é ação individual, a trajetória ou a história de vida, mas como uma variação da escala, do micro para o macro, pode nos permitir compreender interações sociais e as relações entre indivíduos e sociedade. A ação de indivíduos passa a ser um objeto de estudo relacionado ao circuito de comunicação. Dessa forma, qual a contribuição do projeto historiográfico da micro-história para os estudos de comunicação?

A abordagem da micro-história surgiu nos anos 1970 como uma reação às pesquisas históricas centralizadas na análise serial dos documentos. Nessa abordagem, a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento. A variação não significa ampliar ou diminuir o objeto, mas verificar as modificações na forma e na trama (RAVEL, 1998, p.20).

No projeto da micro-história, a análise do micro permitiu construir uma modalidade de história social atenta aos processos individuais percebidos nas suas relações com os outros, investigando identidades sociais que se operam por meio de rede de concorrência, solidariedade, aliança. Assim, é possível redefinir a noção de contexto para que não haja simplesmente uma leitura do contexto global para situar e interpretar os textos. São adotados procedimentos para que o pesquisador possa constituir a multiplicidade dos contextos necessária à compreensão do fenômeno (RAVEL, 1997, p 27).

No projeto da micro-história, destaca-se o trabalho de Carlo Ginzburg a partir da escolha do nome como fio que acompanha o destino particular de um indivíduo. No labirinto de uma série documental, o que distingue um indivíduo de outro é, justamente, o nome. A partir dele, é possível a identificação da multiplicidade dos espaços e do tempo. Para Ginzburg (1989a, p 175), “as linhas que convergem para o nome e que dele partem, compondo uma espécie de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”.

Em uma pesquisa centrada na história dos processos de comunicação, a análise de um indivíduo pode evidenciar o circuito de comunicação que nos permita verificar os fluxos e as interações existentes entre práticas comunicativas diante da própria modernização da imprensa e dos dispositivos técnicos que influenciavam as concepções de mundo e os modos de existência dos sujeitos. Não se trata, portanto, de reduzir a análise histórica a uma escrita biográfica, mas perceber as relações que circunscrevem o sujeito em um tempo e espaço.

É importante assinalar que não se trata de privilegiar a identificação de um excepcional normal, denominação feita por Edoardo Grendi aos sujeitos e/ou grupos sociais subalternos que são descobertos em uma documentação ou que estão ocultos na documentação, mas verificar como o homem comum pode funcionar como “indícios de uma realidade oculta, muitas vezes não revelada pela documentação” (GINZBURG, 1989a, p 176). A partir dessa perspectiva, o nome conduz a uma investigação que pode ser uma análise micro-histórica bifronte: movendo-se em uma escala reduzida é possível a reconstituição do vivido; e, ao mesmo tempo, é possível investigar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula (1989a, p 182).

Ginzburg (2007) considera que a micro-história institui procedimentos na coleta, interpretação dos dados e no modo de narrá-los. A redução da escala significa dar ênfase ao detalhe, aos acontecimentos e conexões que poderiam passar despercebidos, procedimentos

necessários quando nos deparamos com textualidades envolvidas em diversas materialidades, leitores e produtores. O modo de narrar se torna essencial, pois pode se traduzir em um relato capaz de transformar as lacunas da documentação em uma superfície uniforme. As hipóteses, as dúvidas, as incertezas se tornam parte da narração.

As fases da pesquisa são construídas no processo de análise, desde a identificação do objeto, a sua relevância, elaboração das categorias e a seleção dos modelos estilísticos e narrativos. Nesse tipo de análise, é possível instituir um contínuo vaivém entre micro e macro-história, *close-ups* (plano americano) e planos gerais que permitem perceber a realidade como descontínua e heterogênea (GINZBURG, 2007, p 269). A partir do olhar aproximado, podemos capturar algo que pode nos escapar na visão de conjunto.

2 Rastros, indícios, fragmentos

A dimensão conceitual dos rastros, dos indícios e dos fragmentos no processo de análise e construção de uma história dos sistemas comunicativos pode nos ajudar a formular um projeto de pesquisa que envolva a interpretação de fenômenos mais amplos a partir da variação da escala. Marialva Barbosa (2010) considera que, no circuito de comunicação, os produtos midiáticos são envoltos em textualidades - texto, visualidade, sonoridade, discursividade e testemunho histórico -, cuja escritura se dá em uma longa duração. Os produtos comunicativos estabelecem uma intrínseca relação do texto com o seu referente. Essa relação produz *rastro*.

E é justamente esses rastros que permitem que as mensagens do passado possam chegar até o presente, e devem ser interpretados pelo pesquisador na sua dimensão narrativa. Os rastros são e devem ser interpretados com ações de comunicação, pois “deixam marcas, que revelam, pela interpretação produzida e permitida, um mundo que, até então, fora desconhecido” (BARBOSA, 2010, p 23).

Esses rastros podem ser compreendidos dentro de um quadro conceitual de uma escrita da história na concepção de Michel de Certeau. Para o historiador, o conhecimento histórico é um fazer-se, uma operação, que organiza procedimentos próprios ao objeto analisado e seus métodos de pertinência. Esta operação historiográfica deve ser compreendida em relação entre um lugar, no qual se instauram os métodos; os interesses e a organização dos documentos; procedimentos de análise, determinado pela interpretação; e a

construção de um texto em uma escritura, uma narratividade. Neste processo, a escrita é uma prática social que estabelece um diálogo intermitente com o leitor.

Outro aspecto importante é o conceito de paradigma indiciário formulado por Carlos Ginzburg para compreender o conhecimento histórico como indireto, indiciário, conjectural (1989b, p. 157). Esse paradigma nos estimula a analisar os sinais, as pegadas, o sistema de miudezas e as tessituras do discurso. As particularidades, ao serem submetidas à interpretação, podem nos fazer compreender o significado de práticas culturais, processos e trocas simbólicas que dão conta de um microcosmo social.

A noção de índice pode nos ajudar a compreender os processos sociais na sua dimensão micro e macro de forma mais ampla do que a própria trajetória individual, além de entender o lugar social no qual se instauraram as práticas comunicativas. Os indícios podem ajudar a compor uma história dos sistemas de comunicação que consiga relacionar texto e contexto; reconstruir a dinâmica da vida social; preencher as lacunas, os não-ditos presentes em tramas discursivas.

Essa natureza indiciária se relaciona com a noção que desejamos problematizar da possibilidade de uma história dos sistemas de comunicação por meio de fragmentos. David Lowenthal (1998) define fragmentos como resíduos, artefatos que nos chegam ao presente pelo conjunto de materiais produzidos em um passado e em determinadas condições. Arlette Farge (2011) discutiu a noção de fragmento, ao analisar arquivos judiciais do século XVIII. Ela analisou detalhes, pistas menores, restos que, a priori, pareciam insignificantes, a fim de encontrar neles traços do homem comum. O que poderia ser considerado ato falho, fragmentos parciais, podem evidenciar escritas de si e significados da vida pública e privada em um determinado espaço.

Farge (2011) assinala percursos metodológicos para pensar as atividades simbólicas, a opinião manifestada por sujeitos comuns, as falas, os gestos. Ela considera que o relato do historiador deve conjugar a análise do plural com o do singular, com o cuidado de não deixar que a singularidade seja absorvida pelo coletivo. Deve-se analisar o desvio sem que haja uma leitura esquemática. Para Farge, a opinião é um lugar onde se mesclam a memória, o saber, a informação e a projeção sobre o presente e o porvir do futuro.

Para pensar o homem comum e as pequenas unidades de sentido, Roland Barthes (2006, p 37) trouxe à discussão a noção de biografema, como uma possível arte da memória, uma evocação possível do outro que já não existe. O biografema é construído a partir de traços parciais da vida de uma pessoa e pode se constituir em uma forma de saber.

François Dossé assinala que o biografema é um método sociobiográfico, incluída na categoria da idade hermenêutica nos escritos biográficos. Nessa categoria, o anônimo é compreendido como uma entidade diversa, em uma interação entre interior e exterioridade na ação social, cujos fragmentos podem reconstituir a relação entre indivíduo e sociedade.

Na pesquisa que desenvolvo sobre o tipógrafo José Diamantino de Assis, a noção de fragmento se tornou um elemento importante. A escrita do tipógrafo se constituiu, por vezes, de fragmentos nos quais refletem práticas culturais e sociais, aspectos econômicos e da política nacional. Uma outra particularidade é a natureza indiciária, pois alguns textos não tem assinatura do autor, mas é possível decifrar o sistema de miudezas que configura uma narrativa de si.

A diversidade de temáticas também reflete realidades heterogêneas vivenciadas pelo comunicador em contextos distintos, que vão desde os impactos do governo de Getúlio Vargas, anos de 1930, à tomada do poder pelos militares, em 1964. Além disso, a própria trajetória do tipógrafo foi se construindo mediante os processos de modernização da imprensa: a passagem de uma imprensa artesanal, produzida por um homem só, à empresa, com mudanças no padrão gráfico e transformações nos processos e na linguagem.

Outro indício que nos mostra a relevância de pensar o fragmento como objeto de análise são as fontes documentais. Grande parte dos jornais que foram produzidos na cidade foi destruída. É possível encontrar edições localizadas em acervos públicos e particulares de períodos distintos. Para obter informação sobre os primeiros periódicos, é preciso recorrer aos estudos bibliográficos de jornalistas e memorialistas como João Fernandes da Cunha (1978), Walter de Castro Dourado (1978), Jorge de Souza Duarte (1985), entre outros. Eles produziram uma narrativa sobre a imprensa relacionada à vida da cidade, composta por fragmentos que nos permitem estabelecer uma análise historiográfica, quando analisados em um contexto e submetidas a um fazer historiográfico.

Carlo Ginzburg (2007) faz um esclarecimento relevante para as possibilidades de uso de narrativas fragmentárias. Não se deve analisar unidades nem fragmentos minúsculos do passado de maneira isolada. Seria como investigar os galhos de uma árvore ao invés do tronco. Uma abordagem micro-história não se reduz à dimensão textual nem artística, mas deve ser considerada na sua dimensão cognitiva. E, para isso, a análise do contexto é essencial, ao contrário da contemplação isolada do fragmento.

Dessa forma, consideramos que, ao identificar os rastros, explorar os indícios e os fragmentos encontrados na documentação, a trajetória de um indivíduo pode evidenciar os

circuitos comunicativos entre diversos leitores e produtores de impressos que nos ajudam a compreender mudanças no padrão de fazer imprensa no país. Neste artigo, trazemos brevemente um exemplo de como o uso da abordagem micro-histórica pode contribuir para evidenciar esses circuitos comunicativos.

3 José Diamantino de Assis e as tramas comunicativas no sertão da Bahia

No livro *O Queijo e os Vermes*, Carlo Ginzburg (2006) nos conta a história do moleiro friulano Domenico Scandella, conhecido por Menochio, perseguido pela inquisição do Santo Ofício, no século XVI, acusado de conspirar contra a Igreja Católica. A trajetória do moleiro interpretada por Ginzburg nos traz contribuições relevantes para pensar como um indivíduo, um anônimo, pode ser um fragmento de um estrato social e como sua trajetória pode nos esclarecer sobre o fenômeno da circularidade da cultura.

Tal como o moleiro friulano, José Diamantino de Assis é um personagem singular, cuja trajetória enseja regularidades que nos ajudam a compreender um contexto de uma época. Não encontramos relatos autobiográficos nem correspondências deixadas pelo tipógrafo. O que conhecemos sobre sua trajetória é a partir dos indícios presentes na produção jornalística e em alguns livros de memorialistas de Juazeiro. São textos fragmentários, mas que apresentam uma regularidade que nos permitem descobrir práticas comunicativas. Como nos propõe Carlo Ginzburg, dados aparentemente negligenciáveis podem propor uma realidade complexa.

Jose Diamantino de Assis nasceu em 6 de abril de 1911, na cidade baiana de Barra do Rio Grande, filho de Olegário de Assis e Cora Diamantino. Em textos anteriores sobre a trajetória do tipógrafo José Diamantino de Assis, fiz menção ao pai como rábula que realizava serviços advocatícios à prefeitura de Juazeiro, pois essa era a única informação que dispunha. Mas, a busca incessante pelos rastros deixados pelos personagens é imprescindível para recompor os traços dos sujeitos. A escolha do nome nos serve como um fio que acompanha o destino particular do indivíduo, como nos fala Ginzburg.

O nome Olegário de Assis era citado como comunicador em livros de memorialistas, porém sem especificar qual a natureza de sua produção. Coincidentemente, ele também tinha um filho tipógrafo com o mesmo nome. Recentemente, foram doadas à Fundação Museu Regional do São Francisco, em Juazeiro, edições do *Correio do São Francisco*, publicado em 1907. Em uma de suas edições, o articulista José Petintinga

narrava a criação dos primeiros jornais na cidade e fazia menção ao “laborioso artista tipográfico” Olegário de Assis, fundador de jornais como *Diário de Juazeiro* e o *Juazeiro*.

Mais do que uma menção ao tipógrafo, o nome Olegário de Assis precisa ser compreendido dentro de um contexto da expansão da cultura letrada. José Florentino de Sena, conhecido como José Petitinga, nasceu em Amargosa, em 1866, e chegou a Juazeiro em 1894, onde residiu por 18 anos. Trabalhou como guarda-livros, responsável pela escrita contábil e foi Chefe de Contabilidade da Viação Baiana do São Francisco. Divulgou na cidade ideias do Espiritismo e publicou livros de poesias.

Em Juazeiro, ele fundou a Associação Literária José Petitinga que reuniu jovens para leituras de obras dramáticas, livros, jornais e oferecia serviço de aprendizagem das artes gráficas. Petitinga editou *A Crisálida*, em 1904, e colaborou com diversos jornais como *O Correio do São Francisco*, *Folha do São Francisco*. A Associação Literária reuniu vários adeptos da arte gráfica, atraía poetas e jovens para discutir literatura ou assuntos políticos (RIBEIRO, E; 2002, p. 229).

Foi na oficina da Associação que se imprimiu o jornal *O Juazeiro*, produzido pelos primos Olegário de Assis, Eugênio Lima e Dermeval Lima. A prensa de madeira foi construída por Olegário de Assis (DUARTE, 1985). O tipógrafo também trabalhou em *A Crisálida*, revista que circulou em 1904. Olegário morou na Barra onde fundou o *Jornal da Barra*. A família Assis retornou para Juazeiro em 1911, quando José Diamantino de Assis tinha seis meses.

Além da influência cultural, a tipografia passava a ser uma atividade profissional reconhecida. Os pais encaminhavam os filhos para aprender o ofício das artes gráficas. Muitos compositores saíam das oficinas e iriam empreender os seus próprios negócios em oficinas em Salvador ou Realengo, no Rio de Janeiro (DIAMANTINO, 1959, p. 198). Conhecer o ofício das artes gráficas se constituiu no valor simbólico para diversos comunicadores e uma atividade repassada para as gerações, assim como circulavam diversos periódicos na cidade, propiciando redes de sociabilidade. Os primeiros impressos noticiavam processo de modernização desde mudanças no espaço físico aos artefatos culturais como construção de teatro, associações, bibliotecas e apresentação de companhias líricas.

Influenciado por essa circulação dos impressos e ambiências culturais, aos 15 anos, José de Diamantino de Assis resolveu recompor os tipos de uma caixa tipográfica,

encontrada na residência familiar, para imprimir *O Riso*, em 1926. O periódico era impresso com ilustração e abordava fatos cotidianos.

No período de 1935 a 1943, José Diamantino imprimiu o folheto *O Banjo*, que circulava nas festas carnavalescas. O leitor acompanhava o sucesso das composições dos cariocas Custódio Mesquita, Heitor dos Prazeres, Ataulfo Alves e dos juazeirenses como Zeca Viana, Dário Ferreira e do próprio José Diamantino de Assis, que compunha letras de samba e marchas carnavalescas.

O folheto traz indícios dos processos comunicativos em transformação na primeira metade do século XX com a publicação de impressos dedicados à música e a expansão do sistema de radiodifusão. Esse processo ocorreu a partir de várias mudanças que se deram tanto na imprensa carnavalesca, nos modos do festejo e nos dispositivos tecnológicos. Desde o final do século XIX, uma série de instrumentos técnicos transformou o modo como o público e o espectador interagiam com os meios de comunicação. Novos regimes de visualidade e de sonoridades estabeleceram relações de interações do leitor com a escrita, a voz e o modo de ver o mundo. Jornais traziam ilustrações, caricaturas, informação e diversão, publicavam marchinhas e músicas de carnaval, notícia de cordões e dos blocos. As cidades ainda têm um grande número de pessoas analfabetas e são introduzidos “modos de comunicação letrados para o olhar e para ouvidos que ainda ouviam dizer as palavras lidas que ecoavam pelos gestos da oralidade” (BARBOSA, 2013, 195).

Esses vestígios de uma cultura oral se embaralhavam com a cultura letrada que, por meio da imprensa, procurava se massificar em meio ao fascínio dos novos sons. A imprensa foi um instrumento de expansão desse novo regime de sonoridade e de popularização de músicas e composições que circulavam nos grandes centros urbanos, particularmente, no Rio de Janeiro. A circulação de composições musicais de artistas localizados em centros urbanos evidencia a existência de circuitos comunicativos entre a imprensa e o sistema radiofônico, que começava a se popularizar no país.

A partir da leitura de *O Banjo*, podemos perceber mudanças se processando na sociedade juazeirense com a chegada de instrumentos técnicos como os alto-falantes e amplificadores nos anos 1940, quando as sonoridades ocupam predominantemente o espaço da rua com transmissões públicas em praças. Em 1953, ocorreu a implantação de uma estação radiofônica na cidade.

Conhecedor das artes gráficas, a produção do tipógrafo apresentou traços de uma cultura jornalística similar à imprensa satírica da primeira metade do século XX. O riso,

como um signo ambivalente da cultura popular, esteve presente na produção de *O Astro* (1932) e *A Marreta* (1935-1936).

Semanário satírico com elementos da cultura popular, *A Marreta* deu visibilidade aos costumes, tradições e hábitos culturais. Uma piada como um símbolo pode ser interpretado de diferentes maneiras, pois não são equivalentes, mas analogias contextualmente compreensíveis. Podemos ler um texto satírico para ver o que o acontecimento significou para as pessoas, assim como delimitar a dimensão social que possa ter tido para o leitor (DARNTON, 2001, p. 294).

Mikhail Bakhtin (2010) caracterizou o riso como um signo ambivalente da cultura popular. O riso se opunha à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Os ritos demonstrados na obra de Rabelais ofereciam uma percepção de mundo das relações humanas, constituindo uma segunda visão, daí a ambivalência e polifonia do discurso. O simbólico contido nas imagens, na descrição dos rituais, nas narrativas jornalísticas poderá ser sempre mais amplo do que apenas uma descrição.

O humor presente nos jornais de José Diamantino de Assis nos possibilita entender os significados sobre a realidade social e as práticas culturais existentes. Algumas sátiras se referem às pessoas da comunidade e aos diversos usos do espaço público pelos leitores, homens e mulheres. O espaço se confunde com a própria ordem social e com as relações sociais construídas entre seus moradores (DAMATTA, 1991, p.32). Algumas vezes, o redator atuou como alguém que procurava disciplinar esse espaço, assim como denunciava formas de controle social.

Uma característica presente nos periódicos é a relação de metalinguagem jornalística, o que pode evidenciar um círculo de leitores e apropriações com os novos dispositivos tecnológicos. Leitores se transformam em personagens de notícias e são estimulados a estabelecer relações de interação com o jornal.

Em uma notícia, o leitor é convidado a ir ao cinema, noutra a comprar e ler a revista *Cinearte*⁴, ora é flagrado em uma fotografia exclusiva feita por Perez ou Fialho⁵. O redator explica para o leitor as novas tecnologias e o processo de captura das imagens fotográficas. Não se usa apenas o magnésio. Agora, com a invenção da televisão, que ainda não chegou na cidade, o fotógrafo lambe-lambe Fialho utiliza um aparelho televisor para “capturar imagens e exibir fotografias”. Algumas notícias contam sobre viajantes que chegavam pela

⁴ Revista publicada entre 1926 e 1942 no Rio de Janeiro sobre cinema.

⁵ Presume-se que se refira a Antônio Fialho, um dos primeiros fotógrafos lambe-lambe da cidade.

ferrovia; em outra faz uma sátira sobre as modernas instalações tipográficas do jornal que teria adquirido uma rotativa Marinoni, produzida pela empresa Mergeothaler Linotipo Company; ao mesmo tempo se refere a Zinza, um xilografista que viajaria para o Crato para retratar a seca. O jornal também se refere a uma notícia radiofônica enviada do sertão baiano para PRA 3 - Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro; em outro momento informa aos leitores que recebeu mensagens telegráficas exclusivas para publicação no periódico.

Entre essas e outras sátiras jornalísticas, existe um ambiente marcado por inovações tecnológicas que são utilizadas como uma metalinguagem de processos comunicativos com os quais o tipógrafo e os habitantes se apropriavam. O periódico se tornava, portanto, o lugar da novidade e da transmissão de acontecimentos locais, nacionais e internacionais, como ocorria ao relatar os conflitos entre Abissínia (Etiópia) e a Itália, mediados pela sátira e a interação com a comunidade local, nos anos de 1935.

A trajetória de José Diamantino de Assis demonstra aspectos de uma socialização por meio da expansão de uma ordem letrada, incentivando a criação de jornais em cidades do interior da Bahia. Ele ajudou a criar *O Riso*, na cidade de Barra; *A Cidade*, de propriedade de Orlando de Souza, em Juazeiro, em 1936; e editou *O Itiubense*, em Itiúba, em 1937. Com linguagem informativa, o tipógrafo escreveu uma coluna sobre os hábitos do homem moderno, admirador das novas ambiências comunicacionais como o cinema.

A década de 1940 parece ser o início da profissionalização jornalística, com mudanças na forma de conceber o produto. São indícios do processo de modernização da imprensa, que viriam se consolidar a partir dos anos 1950. Os impressos passaram a ter uma linguagem informativa, diagramação com colunas, ilustração e clichês de fotografias. Publicado em 1945, *O Sertão* trouxe notícias políticas, econômicas sobre o crescimento do comércio na cidade, implantação de agências de fomento bancário e esporte. Envolvido com manifestações da cultura popular, o tipógrafo foi dirigente da Liga Desportiva Juazeirense⁶, na década de 1940, e publicou *O Esporte*, no ano de 1946; e nos anos de 1967 a 1969.

O futebol era abordado como uma prática desportiva de forte identificação popular e o esporte se tornava um acontecimento jornalístico, com relatos sobre as competições que ocorriam na cidade. A prática esportiva do futebol se inseriu no processo de modernização das instituições sociais. Robert Park (2008) defende que a imprensa impulsiona e faz parte do conjunto de instituições sociais que passaram a construir redes de sociabilidade e

⁶ Desde 1923, a cidade tinha uma Liga Desportiva Juazeirense e eram realizados campeonatos locais e intermunicipais.

incentivar a formação de um público leitor a partir da publicação de notícias locais que interessam ao cidadão.

O tipógrafo não esteve imune às mudanças que se processavam na modernização da imprensa brasileira. Em 1957, lançou com Jorge Gomes *A Tribuna do Povo*. Assinava o expediente como diretor técnico e a impressão era nos prelos da sua tipografia. Três anos depois, *A Tribuna* passou a ser produzida na gráfica Gutemberg, com prensa moderna, impressão de boa qualidade, formato standard e a colaboração de comunicadores e homens públicos, alguns eram representantes de sindicatos.

Neste momento, José Diamantino deixou a função de diretor técnico – redator, editor, revisor, o tipógrafo - e se dedicou a escrever uma coluna sobre assuntos diversos: política, cotidiano, crise econômica, cultura e cinema. Percebemos o formador de opinião, que procurou exercer uma função pedagógica, com um poder cultural e simbólico.

A partir desses fragmentos de sua trajetória, buscamos compreender, no projeto de tese em desenvolvimento, como este mediador conseguiu transitar pelo universo de uma cultura popular e jornalística e criou redes de sociabilidade no contexto de modernização da imprensa brasileira. A morte prematura, em 15 de dezembro de 1970, encerrou a trajetória de tipógrafo, compositor de marchinhas e jornalista. Até hoje, o seu nome está envolto no esquecimento. Para descobrir a sua trajetória, é preciso decifrar os rastros deixados nos impressos que fez circular na cidade baiana.

A título de considerações

Neste artigo, pretendemos trazer alguns aspectos da utilização da micro-história nos estudos da comunicação, a fim de demonstrar como a análise de uma trajetória individual pode nos evidenciar aspectos do circuito de comunicação entre uma imprensa sertaneja e de regiões centrais do país, que passava por processos de modernização. A variação da escala do micro para o macro pode ser uma abordagem relevante para pensar as práticas comunicativas.

Sabemos que o personagem singular só nos chegará ao presente se compreendermos os vestígios e os fragmentos tecidos ao longo da vida a partir de uma escrita que não pode ser una, indivisível, total. Ela é composta por sentidos que deslizam, flutuantes entre estruturas micro e macrosociais mediadas por uma narrativa que instaura um tempo vivido. Nesse sentido, o projeto historiográfico da micro-história e os procedimentos

metodológicos que instituem um modo de analisar um fenômeno histórico podem nos oferecer subsídios para uma história dos processos comunicativos. Os fragmentos, os restos, os pedaços, as falhas, as lacunas podem nos fazer inferir questões e interpretações que possam trazer os significados das experiências humanas em determinado tempo e espaço social.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva e Ribeiro, Ana Paula Goulart. **Combates por uma história da mídia e do jornalismo no Brasil**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. São Paulo: Intercom, 2009, v. 1, pp. 1-17.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Portugal: Edições 1970, 2006.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOSSÉ, Francois. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUARTE, Jorge; DOURADO, Walter et alli. **Juazeiro ano 100: lances de sua história**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1978.
- DOURADO Walter de Castro. **Juazeiro da Bahia à Luz da História**. Vol I. Impressora Rocha. Studio Domingues, Juazeiro - Bahia, 1985.
- DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro nos caminhos da história**. Juazeiro-Ba. Edição do autor. 1985.
- DIAMANTINO, Pedro. **Juazeiro da minha infância**. Rio de Janeiro, s/Editora, 1959.
- FARGE, Arlette. **Lugares para História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel, 1989a.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Projeto História**, São Paulo: vol 17, nov. 1998.
- RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- PALACIOS, Celia Del. Una mirada a la historia de la prensa en México desde las regiones. Un estudio comparativo (1792-1950). **Revista História Iberoamericana**. 2009.V2.N1.04. Disponível em <http://www.red-redial.net/referencia-bibliografica-35534.html>.
- PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa (org.). **A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- RIBEIRO, Edson. **Juazeiro: na esteira do tempo**. 2ª edição. Juazeiro-Ba: Câmara Municipal de Juazeiro. 2005.